

Guy Brett e Mário Pedrosa: na trama da solidariedade

Luiz Antônio Araujo¹

Resumo: Diálogo, amizade, cooperação e afeto uniram os críticos Guy Brett e Mário Pedrosa do final dos anos 1960 à morte do segundo, em 1981. Significativo registro documental dessa relação é a correspondência do terceiro exílio de Pedrosa, de 1970 a 1977, parcialmente reunida no livro Retratos do exílio (1982), de Carlos Eduardo de Senna Figueiredo.

Palavras-chave: *Mário Pedrosa. Guy Brett. Arte. correspondência.*

Guy Brett and Mário Pedrosa: in the web of solidarity

Abstract: Dialogue, friendship, cooperation and affection united critics Guy Brett and Mário Pedrosa from the ending of the 1960s to the death of the latter, in 1981. A significant documental record of that relationship is the correspondence of the third exile of Pedrosa, from 1970 to 1977, partially gathered in the Carlos Eduardo de Senna Figueiredo's book Portraits of the exile (1982).

Keywords: *Mário Pedrosa. Guy Brett. art. correspondence.*

¹ Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (PUCRS). Prepara biografia do crítico Mário Pedrosa (Record). Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Avenida Ipiranga, 6681, Partenon, Porto Alegre, RS, 90619-900. E-mail: luiz.araujo@puhrs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6035-1094> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2686614695636956>. Porto Alegre, Brasil.

Introdução

Separados por considerável distância no espaço e no tempo, Mário Pedrosa (1900-1981) e Guy Brett (1942-2021) aproximaram-se por intermédio dos laços comuns com a arte e os artistas contemporâneos, sobretudo os do Brasil. Jovem crítico nos anos 1960, Brett descobre as obras de Sergio Camargo, Lygia Clark, Hélio Oiticica e Mira Schendel e inicia uma longa trajetória de amizade e divulgação de seus trabalhos na Europa e nos Estados Unidos. Aproxima-se na mesma época de Pedrosa, que ocupava desde os anos 1940 posição proeminente na crítica de arte no Brasil e exerce intensa atividade no país e no exterior. É no Chile, porém, que a ligação entre o britânico e o brasileiro irá encontrar terreno propício para se solidificar em torno de um projeto de vulto: o Museu da Solidariedade.

Pedrosa chega ao Chile semanas antes da eleição presidencial de novembro de 1970, que deu vitória ao candidato socialista Salvador Allende, da coalizão Unidade Popular. Aos 70 anos, completados em 25 de abril daquele ano, o crítico vive o terceiro exílio de uma vida na qual se mesclam militância política, crítica e curadoria de arte, ensino e jornalismo. Sua saída do Brasil atrai atenção internacional: processado pelo regime militar instaurado em 1964, junto com outros oito intelectuais, por divulgar informações sobre tortura no Exterior e na iminência de ser preso, refugia-se na embaixada do Chile, onde permanece por cerca de três meses à espera de salvo-conduto para deixar o país. Nesse ínterim, um abaixo-assinado firmado por Pablo Picasso, Joan Miró, Henry Moore, Alexander Calder e outros artistas e publicado na revista *The New York Review of Books* responsabiliza pessoalmente o presidente Emílio Garrastazu Médici pela vida do asilado (PEDROSA, 2019, pp./p. 32-33).

Já em Santiago, é convidado a se integrar ao Instituto de Arte Latino-americano e, como docente, à Faculdade de Belas Artes (PEDROSA, 2019, p. 33). Em contato com o novo governo e com os meios artísticos e intelectuais do Chile, entre os quais goza de reconhecimento e estima, Pedrosa é encarregado pessoalmente por Allende de criar um museu de arte contemporânea que sirva como monumento cultural de resistência e contribua para promover a imagem da administração socialista. Nas palavras do presidente:

(...) o Museu da Solidariedade do Chile será o primeiro, em um país do Terceiro Mundo, a colocar à disposição das grandes massas populares as manifestações mais altas das artes visuais, e isso pela vontade dos próprios artistas (MUSEU INTERNACIONAL DE LA RESISTENCIA SALVADOR ALLENDE, 1975).

O Museu da Solidariedade é inaugurado em 17 de maio de 1972, com uma exposição das primeiras obras, na presença de Allende, enquanto Pedrosa, à frente do projeto, empenha-se em contatar artistas de todo o mundo em busca de doações.

“Queremos convidá-lo a integrar nosso Comitê”

No Chile, os primeiros contatos de Pedrosa com Brett têm por objetivo envolvê-lo na campanha internacional de denúncia da ditadura brasileira. Para isso, recorre ao auxílio da sobrinha Maria Regina Pedrosa e do marido dela, Carlos Eduardo de Senna Figueiredo, autoexilados em Londres, Reino Unido, para escapar à prisão certa no mesmo processo do qual é alvo o tio. Em carta de 22 de dezembro de 1971 ao casal, aparece a primeira menção a Brett:

P.S. Investigação urgentíssima a fazerem aí: quais os artistas e críticos importantes que possam ser considerados mais de esquerda? O Antonio Dias ainda está por aí? E o Senna manteve ligações com o Guy Brett? Precisamos com urgência do endereço de Moore, Roland Penrose, Anthony Caro, Francis Bacon, Paolozzi e Richard Hamilton. Urgente. (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, pp. 69)

Em algum momento entre dezembro de 1971 e janeiro de 1972, a ideia de uma campanha de solidariedade artística ao Chile começa a tomar forma, e em carta a Dore Ashton, de 9 de janeiro, Pedrosa já se refere a um “Comitê Internacional de Solidariedade Artística ao Chile’ composto apenas de membros não-chilenos” (PEDROSAa, 1972). Para o crítico, o Reino Unido é “nosso problema” (PEDROSAa, 1972):

Sou amigo pessoal de Guy Brett, do *The Times*, cujos gosto e escrita admiro. Mas penso que ele é muito alheio à política para ser capaz de perceber a importância do nosso movimento. (PEDROSAa, 1972)

A carta seguinte aos Figueiredo, de 17 de janeiro de 1972, já faz referência ao projeto do museu:

Caro Senna e Madama,

Aí vai a fotocópia da carta famosa de Calder, Moore, Picasso. Espero que o cara do *The Times* não seja tão boboca a ponto de negar a autenticidade da fotocópia do original. Mande outra carta pedindo endereço do Moore e Bacon, e que você se

entendesse com Guy Brett a respeito. Que você se entendeu com este vi por sua carta última, mas não foi para o assunto que eu lhe pedira naquela. Continuo esperando sua resposta, pois o assunto é muito importante: trata-se de fazer um movimento de solidariedade artística ao Chile para que os artistas ofereçam obras destinadas a um Museu de Arte Moderna e Experimental a ser fundado pelo novo governo. (...) (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, pp. 69-70)

Em seguida, Pedrosa expressa temor de que Brett não compreenda o significado do projeto “por seu distanciamento político” (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, p. 70) e anuncia disposição de escrever pessoalmente ao amigo. Em 22 de fevereiro, reconfortado pelas notícias da colaboração de Brett, reafirma a intenção de escrever-lhe: “Vou escrever ao Guy, agradecendo o que está fazendo pelo nosso projeto, e convidando-o a colaborar conosco, oficialmente” (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, p. 74). Seguro da cooperação de Brett, comenta em carta de 23 de fevereiro a Danilo Trelles, assessor de Allende com quem compõe, naquele momento, a dupla de integrantes do Comitê Executivo da campanha que reside no Chile:

Na Inglaterra temos já a adesão de toda uma lista de vinte e três nomes de artistas enquanto meu amigo Guy Brett, crítico do *Times*, vai agora buscar a colaboração de artistas mais velhos e de renome.¹ (PEDROSA, 1972)

A correspondência é finalmente redigida, com data de 24 de fevereiro de 1972:

Santiago, 24 de fevereiro, 72.

Prezado Guy,

Senna tem me mantido informado de sua gentil cooperação em nosso projeto de um Museu de Arte Moderna e Experimental por meio de doações de artistas que são solidários ao processo chileno. Isso é bom. Recebi a lista de jovens artistas que você organizou prontos para enviar suas obras ou suas propostas para o museu, e entre eles encontrei nosso velho amigo Medalla. É nossa ideia convidá-los para vir em uma visita ao Chile e então muitos deles podem realizar seus projetos ao chegar aqui. Compreendi que você pretende agora abordar esses artistas que não são tão jovens e, portanto, têm uma bagagem maior e uma reputação já estabelecida. Isso é muito importante porque dará ao establishment e aos funcionários do governo mais segurança em relação aos valores e à alta reputação das obras doadas. Por exemplo, uma doação de um nome glorioso como H. (*Henry, nota minha, LAA*) Moore ou F. (*Francis, nota*

1 *En Inglaterra tenemos ya la adhesión de toda una lista de veinte y tres nombres de artistas mientras mi amigo Guy Brett, crítico del Times, va ahora buscar la colaboración de artistas más viejos y renomados.*

minha, LAA) Bacon daria imediatamente às obras já coletadas uma valorização muito maior. Em nossa opinião, esses artistas ofereceriam a base do que no nosso projeto seria “o Museu de Arte Moderna” enquanto os outros artistas, os jovens assegurariam o funcionamento do que chamamos o museu “Experimental”.

Prezado Guy, a fim de reforçar sua iniciativa e autoridade queremos convidá-lo a integrar nosso Comitê (Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile) cujas tarefas você já assumiu em grande parte. Assim estou enviando a você com a carta oficial de convite para participar do CISAC alguns outros documentos que lhe darão uma ideia completa do nosso projeto. Espero que você concorde conosco e aguardo vê-lo mais tarde, aqui, quando discutiremos juntos muitos problemas relativos aos últimos desdobramentos da arte em nosso tempo e para instituições novas e tradicionais como museus, galerias e assim por diante.

Cordiais saudações,

Mário Pedrosa² (PEDROSAc, 1972)

A colaboração transoceânica avança, e já em 31 de maio, duas semanas depois da inauguração do Museu, Pedrosa escreve aos parentes em Londres:

Santiago, 31-5-72

Caros sobrinhos companheiros,

2 Santiago, 24th. february, 72

Dear Guy,

Senna has been keeping me informed of your kind cooperation on our project of a Museum of Modern Art and Experimental through donations of artists who are friendly to the Chilean process. This is fine. I received the list of the young artists you organized ready to send their works or their propositions for the museum, and among them I found our old friend Medalla. It is our idea to invite them to come for a visit to Chile and then many of them may make their projects once here. I understood that you intended now to approach those artists who are not so young and therefore with a larger baggage and reputation already established. This is very important for it will give to the establishment and to the official people more assurance concerning the values and higher reputation of the works donated. For instance, a donation by a glorious name like H. Moore or F. Bacon would immediately give the works already collected a much higher appreciation. In our mind, those artists would offer the basis of what in our project would be “the Museum of Modern Art” while the others artists, the youngsters would assure the functioning of what we call the “Experimental” museum.

Dear Guy, in order to reinforce your initiative and authority we wish to invite you to join our Committee (International Committee of Artistic Solidarity with Chile) whose tasks you have already taken in charge for a good part. Herewith I am sending you with the official letter of invitation to participate in ICASC, some other documents which will give you a complete idea of our project. I hope you will agree with us and so we expect to see you later, here, when we will discuss together many problems related to the last developments of art in our time and to traditional and new institutions like museums, galleries, and so on.

Best greetings,

Mário Pedrosa

Junto com esta mando um catálogo e um cartaz para vocês e, ao mesmo tempo, mando outros para Guy Brett. (...)

Como vai o Guy? Afinal Sir Roland (*Penrose, nota minha, LAA*) foi feito membro do Comitê Executivo, e acabo de lhe escrever uma carta diplomática e cheia de nós pelas costas como convém a um par do reino de sua majestade. Espera-se que aqueles nomes eminentes indicados pelo Guy (Moore, Paolozzi, Bem Nicholson, King, B. Riley, D. Hockney) já tenham sido abordados e concordem em doar (...)

Gostaria de ter mais notícias britânicas sobre o museu nosso. Não me esqueci da lista dos jovens abordados pelo Guy. Assim que resolver a remessa dos veteranos galardoados, vamos nos virar para os meninos ainda apenas com fitas de cabo ou sargento. (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, p. 19)

Pedrosa faz referência à participação do britânico no esforço para reunir obras para o museu em cartas a Niomar Moniz Sodré (PEDROSA_d, 1972), Helio Oiticica (PEDROSA_e, 1972) e Harald Szeemann (PEDROSA_f, 1972). Em carta de 12 de julho aos Figueiredo, o peso da contribuição britânica, para a qual Brett é decisivo, volta a ser objeto de grande atenção:

Achei graça do susto que você levou ao ver impresso no catálogo a lista de ingleses que você mandou, procedente do Guy. Aliás, o que pensamos da lista era que, a juízo do Guy, aqueles artistas eram politicamente conscientes ou inclinados a gestos de solidariedade como esses para o museu. Talvez o Guy tivesse sondado algum ou soubesse que estariam dispostos a mandar. E daí a publicação dos nomes, fiados também em que o Roland Penrose, a quem afinal convidei para membro do Comitê Internacional, ia ser contatado pelo embaixador ou embaixatriz chilena aí, bem como alguns artistas como, por exemplo, o Bacon, que a embaixatriz visitou. (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, p. 22)

Em fins de 1972, depois de tentativas frustradas de chegar ao Chile, os Figueiredo obtêm passaportes britânicos válidos por 10 meses e desembarcam em Santiago em janeiro do ano seguinte. Com dois filhos pequenos (Miguel, nascido em 1966, e Pedro, em 1971), o casal instala-se na casa de Mário Pedrosa e Mary Houston Pedrosa, onde Carlos Eduardo colabora com a atividade incessante do crítico em prol do museu. Interrompe-se, assim, o contato do casal com Brett, que continuará trabalhando por doações em Londres.

Nos meses seguintes, a deterioração da situação política conduzirá ao golpe militar de 11 de setembro e à instauração da ditadura do general Augusto Pinochet. Com seu destino ligado ao do governo Allende, o Museu da Solidariedade é fechado, e parte de seu acervo desaparece, estando seu destino sob investigação até a atualidade (ZALDÍVAR, 2019, p. 435). No exílio, artistas chilenos e estrangeiros criam o Museu Internacional da Resistência

Salvador Allende, que funciona de 1975 a 1990 como espaço de denúncia do regime militar (ZALDÍVAR, 2019, p. 437-438). A partir de 1991, com a queda da ditadura, a instituição retorna ao Chile com o nome de Museu da Solidariedade Salvador Allende (ZALDÍVAR, 2019, p. 438).

Considerações finais

A amizade entre Guy Brett e Mário Pedrosa, surgida no contexto da efervescência artístico-cultural dos anos 1960 e tendo como eixo a proximidade de ambos com o movimento neoconcretista brasileiro, ganhou nova inflexão a partir da chegada do segundo ao Chile. A correspondência de Pedrosa com Brett, amigos e familiares, mostra que o crítico brasileiro nutria esperança de que o britânico impulsionasse, com base em sua autoridade como crítico de arte do diário londrino *The Times*, um movimento artístico de apoio ao governo chileno da Unidade Popular por meio da doação de obras para um “Museu de Arte Moderna e Experimental” (PEDROSA apud FIGUEIREDO, 1982, p. 70).

O fundador do Museu da Solidariedade manifestava, ao mesmo tempo, receio de que o alheamento de Brett em relação à política não o tornasse o mais adequado para a tarefa (PEDROSAa, 1972). No espaço de poucas semanas, entre janeiro e fevereiro de 1972, porém, essa impressão dissipa-se em razão do efetivo engajamento de Brett no projeto. A correspondência de Pedrosa sugere que os dois puseram-se rapidamente de acordo sobre os passos a seguir na arrecadação de obras, concentrando-se primeiramente em artistas mais jovens para, num segundo momento, dirigir-se a veteranos e consagrados. Finalmente, em fevereiro de 1972, em nome do governo chileno, Pedrosa convida oficialmente o amigo para fazer parte do Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile, que faz as vezes de organismo dirigente do Museu da Solidariedade.

Referências

FIGUEIREDO, Carlos Eduardo de Senna. *Retratos do exílio*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.

MUSEO INTERNACIONAL DE LA RESISTENCIA SALVADOR ALLENDE. Cópia de las cartas de Allende dirigidas a “Los Artistas del Mundo” y a Mário Pedrosa. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

PEDROSA, Quito. Mário Pedrosa, uma cronologia. In: PUCU, Izabela; VILLAS BÔAS, Glaucia; PEDROSA, Quito. *Mário Pedrosa atual*. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019.

PEDROSAa, Mário. Carta a Dore Ashton. 1972. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

PEDROSAb, Mário. Carta a Danilo Trelles. 1972. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

PEDROSAc, Mário. Carta a Guy Brett. 1972. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

PEDROSA d, Mário. Carta a Niomar Moniz Sodré. 1972. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

PEDROSAe, Mário. Carta a Helio Oiticica. 1972. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

PEDROSAf, Mário. Carta a Harald Szeemann. 1972. Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende.

ZALDÍVAR, Claudia. O Museu da Solidariedade como exercício experimental dos afetos. In: PUCU, Izabela; VILLAS BÔAS, Glaucia; PEDROSA, Quito. *Mário Pedrosa atual*. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019.

Artigo recebido em 18 de junho de 2020 e aceito em 27 de setembro de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

